



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CLÉLIA ALVES OLIVEIRA**

**“EU VEJO UM NOVO COMEÇO DE ERA”:  
TECNOLOGIAS E NOVAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,  
ADULTOS E IDOSOS EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Amargosa-BA  
2022

**CLÉLIA ALVES OLIVEIRA**

**“EU VEJO UM NOVO COMEÇO DE ERA”:  
TECNOLOGIAS E NOVAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,  
ADULTOS E IDOSOS EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Alice Costa Macêdo.

Amargosa-BA  
2022

**CLÉLIA ALVES OLIVEIRA**

**“EU VEJO UM NOVO COMEÇO DE ERA”:  
TECNOLOGIAS E NOVAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,  
ADULTOS E IDOSOS EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Pedagoga, pela seguinte banca examinadora.

Amargosa, Dezembro de 2022.

---

**Profa. Dra. Alice Costa Macedo (Orientadora)**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

---

**Profa. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

---

**Prof. Dr. Jefferson da Silva Moreira**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

## AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIAS

Agradecer é o ato de reviver as memórias do coração!

Agradeço primeiramente a Deus, a minha família e aos poucos e verdadeiros amigos. Sei o quanto foi difícil chegar até aqui e quantas situações tive que passar, mas tiveram pessoas extremamente importantes nessa jornada e sou grata a cada uma delas e algumas merecem ser citadas. Minha avó Vera Lúcia que para mim sempre foi e será referência de vida, minha inspiração e maior incentivadora, minha mãe pela sua garra e coragem, meu irmão Clemens que durante longos anos se dedicou a me levar e buscar na Universidade mesmo cansado do dia a dia pesado de trabalho e aos meus amigos os guardarei no coração.

Agradecer a professora Alice Macedo que me ouviu e abraçou meu trabalho, me deu suporte e auxílio e o que foi plano se concretizou.

Nem em meus melhores sonhos conseguiria imaginar que ganharia um anjo em formato de gente e ter o privilégio de chamar de MELHOR AMIGO. Caio Pereira é esse ser incrível que Deus colocou em meu caminho para que esse caminhar ganhasse cor, posso dizer que sou muita abençoada na vida.

Dedido esse trabalho a minha mainha (vó) Maria do Carmo (*in memoriam*) que amava folhear os livros, se encantava com as escritas e gravuras. Sonhava em aprender a ler e escrever e não teve tempo deste sonho se concretizar.

Encerro esse ciclo da minha vida sendo e exalando GRATIDÃO!

OLIVEIRA, Clélia Alves. “**Eu vejo um novo começo de era**”: tecnologias e novas perspectivas na educação de jovens, adultos e idosos em tempos pandêmicos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, Dezembro, 2022.

## **RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA**

Buscando apresentar as relações entre a tecnologia e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) no cenário pandêmico, o trabalho em questão visa explorar possíveis contribuições das redes sociais, quando voltadas para a Educação na modalidade de educação remota, subsidiando o entendimento do processo educacional via ações por mídias sociais. Com base nas tantas formas de ensino a distância e como esses meios tendem a refletir a realidade contemporânea, foi feito um paralelo entre a educação e a evolução das tecnologias mediante a cronologia histórica, a evolução educacional e a tecnologia, no que tange o processo histórico e tecnológico da educação. O trabalho foi embasado em uma entrevista e, por meio da análise dos trechos, se deu o processo de elucubração que teve como cerne a elucidação do objeto de pesquisa. Já a metodologia da pesquisa, por focar na contribuição das redes sociais no processo educacional, se fez conveniente optar por uma pesquisa qualitativa. Os dados coletados foram descritivos, objetivando ao máximo o foco do estudo. Por fim, apresenta-se a análise obtida do processo e assim acredita-se fomentar a discussão acerca do assunto.

**Palavras-chave:** Redes Sociais, Tecnologia, Educação Remota, Educação EJAI.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Tecnologia e Educação.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Tecnologia e Contemporaneidade.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Educação, Contemporaneidade e Tecnologia no Brasil.....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 Tecnologia e o momento pandêmico.....</b>	<b>26</b>
<b>1.5 Educação de Jovens e Adultos (EJA).....</b>	<b>27</b>
<b>2. MÉTODO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Participantes e o Cenário de Pesquisa.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 Procedimentos.....</b>	<b>32</b>
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>
<b>6. ANEXOS.....</b>	<b>42</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Tecnologia e Educação

O assunto tecnologia é um campo amplo de discussão, no entanto o ponto que iremos abordar é o seu uso e quais suas contribuições e benefícios como ferramenta educacional na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Notoriamente a tecnologia vem se tornando uma forte aliada quando o assunto é educação: atualmente a sala de aula extrapola o limite do quadro, giz e atividades impressas, ao aderir às atuais tecnologias, inclusive as que, a princípio, foram idealizadas para outros fins e que têm um forte apelo social (como, por exemplo, o advento das redes sociais), uma vez que, a cada dia, fica mais difícil conquistar a atenção e conseqüentemente o interesse do aluno dentro da sala de aula, sobretudo quando o público é mais adulto.

Assim, valendo-se da facilidade, acessibilidade e fascínio que as redes sociais empregam sobre os usuários, tais recursos vêm sendo cada vez mais utilizados no meio educacional a fim de potencializar os estudos. Bernstein (2001) compreende que, ao assumir a tecnologia como fonte e meio para a aprendizagem, ela torna-se um novo potencial intelectual.

Com a deflagração da pandemia do novo coronavírus inaugurando o século XXI, a tecnologia e, mais especificamente, as redes sociais (*WhatsApp, Instagram, Twitter, TikTok*) dentro da sala de aula passaram a assumir uma relevância incalculável e uma nova função, não somente voltada para socialização, distração e interação, mas passando a agregar valores por meio das possibilidades criadas principalmente em aulas remotas, tais como o compartilhamento de atividades, na ação de sanar dúvidas (tanto em grupo quanto individuais), explicar conteúdos de forma lúdica e interativa, conectar e estabelecer vínculos etc, destacando assim sua valia como uma ferramenta pedagógica.

O distanciamento social para contenção da propagação do vírus e as restrições do convívio presencial impossibilitaram os ritos usuais de ensino, ou seja, a presença em sala de aula, substituindo assim a maneira pela qual se dá a troca de saberes. Dessa forma, o uso da tecnologia e as redes sociais tornaram-se grandes aliadas e extremamente importantes nessa forma de ensinar e aprender, havendo também a necessidade de

professores e alunos se adaptarem a este novo formato e aos novos desafios que surgiram nesse processo.

Portanto, ao tratarmos sobre as tecnologias educacionais e também sobre o ensino a distância, a primeira coisa que devemos entender é que ensino a distância não é a mesma coisa que educação online, pois ao falarmos de ensino a distância trata-se de uma ação muito mais abrangente do que a educação online propriamente dita. Pois ao se pensar em ensino a distância temos que entender que existiram várias gerações de ensino a distância, não só a geração atual. A principal e mais difundida ferramenta é a internet, porém em épocas passadas, onde a ela era pouco disseminada ou basicamente não existia, esse método (modalidade ead ou remota) se valia da tecnologia da época em questão, por exemplo, a educação a distância já foi através de cartas e correspondências, outro exemplo é o ensino a partir da TV ou rádio, em que programas ou até rede de tv tinham como objetivo levar o conhecimento, assim como a TV Cultura ou Telecurso 2000<sup>1</sup> (OLIVEIRA, 2011).

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

- Apresentar as relações entre a tecnologia e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos no cenário pandêmico.
- Explorar as Contribuições das Redes Sociais, voltadas para a Educação na Modalidade EJAI.
- Compreender o processo educacional via ações por mídias sociais na Educação de Jovens, Adultos e Idosos no cenário da pandemia.

### **1.2 Tecnologia e contemporaneidade**

Pensando em tantas formas de ensino a distância e como esses meios correspondem à realidade da época, será que a educação evoluiu tanto quanto a tecnologia ao longo do tempo? O que se percebe nas literaturas é que, a partir da cronologia histórica, a evolução educacional e a tecnologia aparentemente andaram de mãos dadas. Assim, é

---

<sup>1</sup> O precursor do Telecurso 2000 foi o Telecurso 2º Grau, lançado em 1977 a partir de uma parceria entre a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura, e a Fundação Roberto Marinho, da TV Globo. O programa era voltado para pessoas com mais de 21 anos que pretendiam fazer os exames supletivos oficiais para obter certificado de conclusão do antigo 2º grau.



fundamental saber sobre o processo histórico da tecnologia na educação. Mas antes, para falar de tecnologia na educação, primeiro devemos definir Tecnologia, Segundo Medeiros e Medeiros (1993): a tecnologia é o conhecimento empregado na criação ou aprimoramento de produtos e serviços, ou seja, a tecnologia é a união de conhecimentos práticos ou científicos, usados para obter, distribuir e comercializar bens e serviços. Logo, a tecnologia pode ser encarada como um método ou processo ou até uma ferramenta feita de maneira sistemática que tem como finalidade resolver um problema, podendo assim ser também subjetiva, encarada como metodologia.

Cada vez mais nos deparamos com literaturas que relatam que nunca houve tantas transformações como atualmente, principalmente como novas tecnologias são criadas, construídas e moldadas para facilitar a vida das pessoas. Por outro lado, a obsolescência desses meios é cada vez mais rápida, o que antes levava décadas como tecnologia do “momento”, hoje em questão de meses é substituída por algo mais “eficiente”. Assim, cada vez mais aplicativos e mecanismos de interação social são criados com base na acessibilidade e disponibilidade, o que possibilita o uso destes meios e mecanismos no auxílio ao processo de ensino.

Porém devemos nos atentar que não se trata de algo novo, o uso de mídias e mecanismos que a princípio foram criados e idealizados para fins recreativos e posteriormente utilizados com a finalidade voltada ao ato de educar, ora pela popularidade dessas ferramentas, ora pelo acesso direto que promovia entre o usuário e o educador, sendo quase orgânico o movimento de incorporar essas mídias ao processo educacional. Litwain (2004) afirma que, desde o momento em que o homem inventou os primeiros instrumentos até as produções tecnológicas que antecedem a Revolução Industrial, as tecnologias eram empíricas, pois surgiam da prática cotidiana, caracterizando-se como relativamente simples.

Portanto é sabido que o mundo passou por muitas transformações durante todo o período histórico da espécie humana, e muitas delas apresentam-se como fruto da necessidade de ampliar e potencializar as ações. Essas transformações estão cada vez mais acontecendo de forma dinâmica, e elas sempre fizeram parte do desenvolvimento educacional desde os primórdios de nossa história: começando em 40 mil antes de Cristo quando os homens, ao pintar as paredes das cavernas e grutas, relataram, por meio da arte, hoje conhecida como rupestre, sua história e cultura, de modo que essa era a forma que eles desenvolveram para expor o seu dia-a-dia, o seu cotidiano, suas aprendizagens e experiências, assim tornando-se uma forma primeva de compartilhar conhecimento.

Sendo tais registros gráficos a tecnologia disponível à época, ou seja, como ele deixou seu legado para as gerações seguintes, em virtude da falta de métodos escritos inteligíveis (MICHEL, 2017).

Transmitir esse legado por meio de pinturas, desenhos e utensílios rudimentares fabricados por eles corresponde a um modelo de tecnologia arcaica que ajudou a difundir o conhecimento dos povos e que, ao serem estudados, contam e ensinam sobre história e culturas. Em sequência cronológica, é interessante dizer que a escrita minimamente inteligível é relatada de 3100 antes de Cristo, mostrando como a necessidade de expressar o que havia de conhecimento, culminou no desenvolvimento de um método arcaico de pinturas e afins, para uma forma mais polida de transmissão de conhecimento. Segundo Dolzan (2006), a arte pré-histórica evolui a cada linhagem de acordo com a sua utilidade, o que é um fato importante na metodologia comparativa, para interpretá-la. Segundo a autora, a necessidade levou ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas por meio da socialização dos seus antepassados os quais descreviam suas conquistas e histórias por meio de imagens deixadas nas paredes de cavernas que eram interpretadas e disseminadas entre as gerações seguintes.

Após a consolidação da escrita cuneiforme e no Egito os hieróglifos e uma vez findado um método de registrar o conhecimento, faltava um método de transmiti-lo, assim já no século 4 antes de Cristo, Sócrates cria a maiêutica: basicamente trata-se de um modelo de ensino em que o professor indaga o aluno induzindo-o a criar seus próprios conhecimentos, ou seja, o indivíduo constrói seu conhecimento pelas suas próprias conclusões, por meio do diálogo, algo importantíssimo já que revela a preocupação do educador da época com a aprendizagem crítica do aluno (REIS, 2019).

Até onde se sabe, até meados do século XII depois de Cristo a escola não era bem definida e veio a se consolidar só a partir da Idade Média. Nessa época uma ação da igreja veio cunhar o conceito que vemos até os dias atuais de escola, passando a ensinar a ler, escrever, contar e o catecismo. No século XV, com o movimento renascentista, temos o retorno aos pensamentos da Grécia Antiga sobre educação de Sócrates e Platão, então nessa época houve uma ênfase no desenvolvimento intelectual ao focar na racionalidade, na ciência e na natureza (REIS, 2019).

Diante disso, muitas tecnologias começaram a potencializar a forma de disseminar conhecimento, assim como a criação de Gutemberg<sup>2</sup> no século XV que consiste na impressão com matrizes em relevo por meio da junção de duas técnicas já bem conhecidas dos chineses: a do sinete e a do calço, aprimorando assim a prensa, potencializando a disseminação da informação. Antes dessa inovação transcorriam até 3 anos para fazer uma cópia da Bíblia e graças a Gutemberg tal processo foi potencializado mil vezes.

Segundo Klanovicz (2018), os iluministas do século XVIII, que também retomaram a perspectiva clássica do pensamento, defendem que as tecnologias deveriam ser uma força libertadora. Não é à toa que o século XVIII foi marcado pela primeira e grande Revolução Industrial (VERASZTO, E. V.; SILVA, N. A.; SIMON, F. O., 2009). Já no século XIX, outras revoluções tecnológicas e industriais ocorreram, mas com determinadas inovações: o cultivo de emoções e afetividades ligadas à tecnologia, traduzidos na arte e na literatura (KLANOVICZ, 2018).

Já no início do século XX tivemos a popularização do rádio e, através dessa mídia, foi possível alcançar uma grande massa de pessoas que começaram a dedicar muito tempo a ouvi-lo e não só para informação, mas muito tempo com entretenimento (AMARAL 2002).

O século XX foi cenário de muitas transformações no cenário mundial: as duas grandes guerras, o desenvolvimento da tecnologia armamentista, o recrudescimento dos fascismos, a libertação dos países africanos e os grandes avanços tecnológicos e científicos decorrentes da disputa polarizada da Guerra Fria.

De acordo com Klanovicz (2018), após a Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, os países situados no dito “terceiro mundo” passam por processos de industrialização atrelados a uma atroz onda de desigualdades sociais e exploração do trabalho, desaguando na relação equivocada entre tecnologia e progresso.

O século XX foi cenário de inúmeras invenções tecnológicas que estão atualmente relacionadas com o contexto da educação: a televisão na primeira metade do século, década de 20; os primeiros computadores entre a primeira e a segunda metade; assim como os primeiros celulares e a Internet na segunda metade do século XX.

---

<sup>2</sup> **Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg**, ou simplesmente Johannes Gutenberg foi um inventor, gravador e gráfico do Sacro Império Romano-Germânico que desenvolveu um sistema mecânico de tipos móveis que deu início à Revolução da Imprensa, e que é amplamente considerado o invento mais importante do segundo milênio.

Com o passar do tempo, o potencial que essa tecnologia tinha para educação foi percebido, e por isso, no século XX, surgiram iniciativas educacionais inclusive com projetos nacionais. Desde o início do século XX até a primeira década do século XXI, os especialistas calculam que houve uma redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre a população de faixa etária acima dos 15 anos (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Olhando para esses números com mais minúcia, podemos analisar o seguinte cenário: nos anos 1920 tínhamos ainda uma taxa de analfabetismo muito alta e, em 1960, o índice das pessoas com mais de 15 anos analfabetas havia diminuído, porém mantinha-se elevado (BRAGA; MAZZEU, 2017). Segundo Braga e Mazzeu (2017), a redução na taxa de analfabetismo se acentua realmente entre as décadas de 1950 e 1960 “com uma queda de 10,9 pontos percentuais. Os dados apontam uma forte redução percentual de analfabetos passando de 65,3% em 1940 para 9,6% no ano de 2010”. Sugere-se, na literatura acadêmica sobre o tema, que essa redução esteja ligada à inovação dos meios de comunicação (tais como o rádio, e depois a televisão, a internet e os celulares) e ao acesso às informações.

Essa análise é sempre contraditória entre os estudiosos. O rádio, por exemplo, é considerado a primeira mídia de grande massa, mas com o seu advento as pessoas já não precisavam necessariamente ler ou interpretar para ter acesso a informações. Por outro lado, ainda no início do século XX, o rádio começou a ser utilizado a fim de educar e posteriormente foram incrementando mais equipamentos com esse fim, tais como os cursos por correspondência, depois pela televisão e, por fim, com a internet. Outros aparatos tecnológicos passaram a ser utilizados em sala de aula, como os projetores de imagens que eram chamados de lanternas mágicas, sendo esse equipamento o precursor do retroprojetor, que foi largamente utilizado a partir da década de 50 nas salas de aula. Outras estratégias são muito importantes no ensino: filmes, músicas, mídias veiculadas pelos aplicativos do *smartphone*, tablets etc. (BRAGA; MAZZEU, 2017).

### **1.3 Educação, contemporaneidade e tecnologia no Brasil**

Podemos entender que a história do processo educacional no Brasil, seja para adultos ou de modo geral, se inicia já no período da colonização quando os Jesuítas e suas excursões, ao se depararem com os nativos do Brasil, ou seja os indígenas de inúmeras etnias diferentes, começam a catequizá-los. O início desse processo de ensino se fez por meio de atribuições religiosas e técnicas de cultivo, com base também em uma série

etnocídios, diferentemente do que entendemos atualmente como sendo de viés acadêmico. Nesse processo o ensino se dava para toda faixa etária, sem distinção de criança, jovem ou adulto (HAMBURGO, 1997).

Porém, com a chegada da família real no Brasil em 1808 e a expulsão de alguns Jesuítas, instaurou-se uma preocupação com o alto índice de analfabetos, e essa preocupação mobilizou a corte real a buscar um meio de amenizar tal situação. Assim foram criados, no dia 6 de setembro de 1878, os primeiros cursos noturnos para adultos do sexo masculino analfabetos, o que foi amparado pelo decreto Imperial nº 7031 que dizia:

Crêa cursos nocturnos para adultos nas escolas publicas de instrucção primaria do 1º gráo do sexo masculino do municipio da Côrte. Attendendo ao que Me representou o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, Hei por bem decretar o seguinte: Art. 1º Em cada uma das escolas publicas de instrucção primaria do 1º gráo do municipio da Côrte, para o sexo masculino, é creado um curso nocturno de ensino elementar para adultos, comprehendendo as mesmas materias que são leccionadas naquellas escolas (DECRETO Nº 7.031-A, DE 6 DE SETEMBRO DE 1878).

Cunha *et al* (2014) destacam a vigência durante o período de 50 anos e somente depois desse período, o Brasil, após ter se tornado República, via a necessidade de criar um plano nacional de educação, que sanasse e desse suporte a todos que optarem em estudar. Desse modo, veio por meio do artigo 150 da Carta Magna, também conhecida como a Constituição Brasileira de 1934, o estabelecimento da educação como dever do Estado determinando que o Governo deveria oferecer o ensino gratuito e integral a todos, inclusive aos adultos que não puderam concluir os seus estudos no ensino regular. Do artigo temos “**Art 150** - Compete à União: **a)** fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do País” (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE 1934).

Após esse período, já nos anos 40, houve uma preocupação mais acentuada para o público da EJA e com isso uma atuação direta voltada para a educação desses jovens e adultos, iniciando assim campanhas nacionais massivas, em prol de angariar a confiança e presença desse público nas escolas de todo país. Já em 1947 surgiu SNEA (Serviço Nacional de Educação de Adultos) e junto com ele ocorre a primeira Campanha Nacional de Educação de adolescentes e adultos, o CEAA. Também é em 1947 que acontece o

primeiro Congresso Nacional de Educação de adultos garantida pela constituição de 1934 (PAIVA, 1983).

instituiu nacionalmente a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário para todos. Em âmbito nacional, destacam-se: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário (1942), do Serviço de Educação de Adultos (1947) e o desenvolvimento de campanhas como a Campanha de Educação de Adultos (1947), a Campanha de Educação Rural (1952) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958).

Segundo Güttchow (2011) processo massivo de erradicação do analfabetismo só ganhou força após a constituição, sendo que entre os anos 1958 e 1963 ocorre a campanha Nacional de erradicação do analfabetismo, o CNEA, e a que intensifica ainda mais os trabalhos voltados para o público do EJA. O Ensino de Jovens e Adultos tornou-se cada vez mais popularizado e com ideais cada vez mais libertários. É importante destacar que na década de 60 houve também alguns movimentos regionais de Educação de adultos, sendo um deles o SIREPA, sistema rádio educativo da Paraíba que objetivava promover a educação dos Jovens e Adultos através do rádio durante dez anos de 1959 a 1969. Esse sistema de ensino foi muito utilizado em diversas regiões do país (FÓRUM EJA BRASIL, 2022).

Pereira *et al* (2016) destaca que, já com o golpe militar de 1964, o ideal de uma educação libertária foi suprimido, foi quando em 1967 surgiu a ideia do Mobral, movimento brasileiro de alfabetização que tinha um cunho de ensino mais técnico. O Mobral foi implantado na década de 1970 até 1985 quando ocorreu o fim da ditadura militar do Brasil.

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004, p. 40)

Em 1985 surgiu uma iniciativa do Ministério da Educação chamada Fundação Educar que tinha como proposta a redemocratização do ensino de Jovens e Adultos. Ela durou apenas cinco anos no país. Já no ano 1996 foi promulgada a lei número 9394 9 a LDB, lei de diretrizes e bases da Educação Nacional, que reafirma a necessidade de um EJA gratuito e que garanta o acesso e a permanência dos Jovens e Adultos nas escolas.

Em 24 de junho de 2005 o decreto número 5478 de integração da educação profissional ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos idealizava aperfeiçoar profissionalmente os alunos do ensino médio do EJA. Porém, a partir do dia 13 de julho de 2006, no ano seguinte, com o decreto nº 5842, instituiu-se o PROEJA, ou seja, o programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Vimos que a EJA sofreu diversas transformações ao longo dos anos no Brasil e ainda vai passar por muitas outras. Em tempos de pandemia, por exemplo, percebeu-se que os desafios intensificaram e junto com eles a necessidade de criar estratégias para manter o interesse desses alunos, mas também demonstraram que é possível proporcionar um ensino de qualidade aos adultos e jovens brasileiros (FÓRUM EJA BRASIL, 2022).

#### **1.4 Tecnologias e o Momento Pandêmico**

Hoje as tecnologias e as redes sociais fazem parte da nossa realidade, seja para diversão, trabalho ou até mesmo estudar. Alguns anos atrás o acesso e o alcance às redes sociais e tecnologias eram mais difíceis e para poucos, a conectividade era mais precária e pouco difundida, privilegiando aqueles que possuíam maior poder aquisitivo. Uma ação que foi bem-vinda por parte do governo foi a implementação, no ano de 2004, do projeto piloto Infocentro que, por meio do advento tecnológico, possibilitou ao cidadão o acesso à rede de forma gratuita e a inserção da internet nas escolas públicas e centros especializados. Os Infocentros são espaços com 10 a 20 computadores conectados à Internet de banda larga, que ficam à disposição da população, permitindo que uma fatia maior da população tenha acesso às redes.

Nos dias atuais, esse acesso tornou-se ainda mais fácil e rápido através das redes móveis, provedores de redes operando em áreas onde antes eram inimagináveis e com a quantidade de celulares e computadores nas residências. O que notamos hoje é que em uma família exista pelo menos um dispositivo que pertença a algum membro da família e, na pior das hipóteses, é compartilhado para os demais membros. Com base na pesquisa do FGVcia, coordenada pelo professor Fernando Meirelles, no Brasil há cerca de 440 milhões de dispositivos digitais, dentre os quais o que se sobressai em questão de vendas é o *Smartphone*. Tal estudo aponta que, em média, são quatro celulares vendidos para um aparelho de TV.

Assim, temos a média de dois aparelhos por habitante, o que foi reforçado pelo ministro da economia Paulo Guedes, em um evento voltado para o setor “Agro”. Algo nos parece estranho nesta pesquisa? Falaremos sobre isso mais adiante. O ministro declarou que “há mais *iPhones* no Brasil do que população”, corroborando com o estudo um tanto quanto polêmico. Paulo Guedes afirmou ainda que são em média dois aparelhos por habitantes. A pesquisa refere-se à 32ª Edição Anual sobre o Mercado Brasileiro de TI, realizada pelo Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

O problema da pesquisa e da forma como o ministro da Economia a interpreta é que os dados brutos que revelam, por exemplo, o número de pessoas no Brasil (X) e o número de celulares no Brasil (2X), não permitem afirmar que todos os brasileiros têm posse de dois *Smartphones* ou dois *Iphones*. Pelo contrário, induz à leitura de que há pouca gente concentrando muitas coisas e muita gente sem nada. Segundo dados publicados pela Folha de São Paulo no dia 15 de junho de 2022, 23 milhões de pessoas no Brasil vivem com menos de 7 reais por dia. Essas pessoas e tantas outras certamente não têm dois *Iphones*.

À parte a polêmica sobre as pesquisas, a análise crítica e real sobre elas e os absurdos proferidos pelo ministro, o fato é que a pandemia traz consigo o aumento da necessidade pela tecnologia, e pelo acesso às redes, tanto no Brasil quanto no mundo. Isso não significa que seja acessível a todos. Essa tecnologia vai se transformando pouco a pouco a fim de contribuir de forma positiva para o ensino/aprendizagem de alunos que, isoladamente, acessam informações e conteúdos emergencialmente de forma remota, já que o distanciamento social é uma, senão a mais viável forma de conter a contaminação, além da vacinação. Assim, as redes sociais, que a princípio foram idealizadas para mera diversão, passam a ser uma grande aliada dos professores, quando o assunto é educação.

Desta forma, alunos e professores se conectam e trocam experiências, conhecimentos e vivências de forma remota e se valendo do caráter dinâmico que as redes sociais propõem, recriando assim novas possibilidades e formas de aprender. Por esse fator de ser uma ferramenta dinâmica, é vasto o campo de possibilidades que as redes abrem ao professor enquanto estratégia de ensino, o que permite tornar as aulas interessantes, prazerosas, mantendo a atenção do aluno e fazendo com que a participação nas aulas seja o mais natural possível, pois como não estão na aula presencial a facilidade de distração é muito maior.



## **1.5 Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

A minha inquietação sobre o tema originou-se pela proximidade que tenho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), principalmente toda metodologia e dinâmica que é específica e direcionada a esse público. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos leva a pensar qual sua forma de funcionar e como a tecnologia vem a contribuir com seu público.

Atualmente trabalho no setor administrativo de uma escola do município, cuja sede divide espaço com a Educação de Jovens e Adultos. O que antes era integrado à escola ao longo do tempo deixou de ser um anexo ganhando seu próprio CNPJ e tornando-se assim independente. Devido a essa proximidade, pude perceber qual o real motivo para o público da EJA buscar ingressar nessa modalidade de ensino. Para esses alunos, é a forma de garantir o direito ao pleno desenvolvimento da cidadania, onde ações como ler e escrever passam a ser realidade na vida dessas pessoas.

As Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96) tem como papel “ofertar educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. Tais aspectos, por meio da educação, inspiram a reparação, ao promover, por meio de uma educação direcionada e específica, conhecimento e ascensão social. No caso da EJA, busca-se resgatar o tempo perdido, ou seja, o conhecimento que foi negado ou impossibilitado outrora a esses alunos.

Também tem característica qualificadora, possibilitando ao estudante o ingresso no mercado de trabalho ou a oportunidade de galgar voos mais altos dentro do ambiente formativo. Ao perceber a nuance entre os modelos de ensino das instituições, ensino regular e EJA, pude construir um paralelo entre as estratégias de ensino aplicadas e como cada sujeito se empenha dentro de cada contexto.

A princípio no meu município, essa modalidade se apresentava em pequenos grupos que atuavam em diferentes escolas e respeitando o regime de cada instituição. Só no ano de 2019, houve a unificação desses pequenos grupos em uma só instituição, tornando um anexo dele e posteriormente tornando-se uma instituição própria. A partir disso, mesmo diante das dificuldades, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi se intensificando, ganhando espaço e forma, dando cada vez mais chances para mais e mais pessoas que não conseguiram por algum motivo frequentar a escola e assim realizar, para

muitos, o sonho de ler e escrever, um sonho que por muito tempo parecia distante ou difícil de realizar.

No entanto o desafio é grande, as salas de aula são compostas por alunos com idades diferentes, realidades diferentes, culturas diferentes, cada um com suas particularidades, histórias de vida e realidades totalmente distintas, pessoas que, em sua maioria, trabalham o dia inteiro e ainda se disponibilizam a sair de suas casas e ir à escola, no intuito de recuperar o tempo “perdido” e conseguir o tão sonhado e desejado diploma.

É nesse momento de pandemia que a tecnologia vem fazendo a diferença. Costa et al (2020) traz que o ensino remoto, por meio de ferramentas digitais, vem facilitando a vida dos estudantes, pois os docentes, mesmo distantes, podem interagir com os educandos e esclarecer dúvidas, sendo assim de grande valia no processo de ensino e aprendizagem.

Os estudantes da EJA são um público, em sua maioria, de maior idade e conseqüentemente mais suscetível à exposição à COVID-19, assim como são aqueles que sofrem o desgaste da “labuta” diária seja no campo ou na zona urbana. O modelo de ensino remoto emergencial precisou dispensar a “sala de aula”, e por isso o uso dos recursos tecnológicos e principalmente das redes sociais tornaram-se grandes parceiros do ensino. Resta-nos entender como o público da EJA se relacionou com tais mudanças. É sobre isso que este trabalho versará.

## **2. MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de perfil exploratório, já que a imersão do pesquisador no tema ocorre a partir de uma etapa preliminar, permitindo uma liberdade maior para a definição e o delineamento das estratégias metodológicas; e de corte transversal, já que se trata de um olhar sobre uma determinada realidade em um contexto específico e um intervalo de tempo também específico (GONÇALVES, 2005).

Principalmente quando o cerne da pesquisa é examinar evidências em formato de palavras, textos, imagens e áudios, busca-se assim entendê-las de forma reflexiva, e mediante a essas fontes, tentar entender o fenômeno em profundidade, para isso, nos valem de técnicas de coleta e análise específicas para esse tipo de metodologia, a partir de compreensões (a pergunta “como”) e não de explicações de causa e efeito (a pergunta “por quê?”), uma vez que esse tipo de dado é diferente de dados que são utilizados para

pesquisa quantitativa, nesse caso, quando queremos compreender dados numéricos e de técnicas de análises estatísticas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Flick (2009) traz que “na pesquisa qualitativa e experimental, critérios como a validade e a confiabilidade são conceituados de maneiras muito dependentes da padronização da situação de pesquisa”. Sendo assim, a análise de textos e da fala de entrevistados é feita a partir do que constroem e produzem os próprios seres humanos. A coleta de dados deve ocorrer de forma fidedigna, por meio das várias técnicas de coleta que a qualitativa propicia, e essas técnicas vão depender do tipo de pesquisa que será realizada; do problema de pesquisa; do que se busca dentro da pesquisa e por aí vai (FLICK, 2009).

A presente pesquisa versa sobre um estudo de caso: o relato de experiência de um estudante da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Municipal em uma cidade de pequeno porte no Recôncavo da Bahia. O estudo de caso apresenta grande relevância no âmbito das pesquisas qualitativas, já que tem a característica de trazer “uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 2001, p. 32).

O estudo de caso pode ser comparado a um funil: a parte mais larga é o ponto de partida, ou seja, a realidade mais ampla e como um todo (BOGDAN; BIKLEN, 1991). À medida que o pesquisador vai adentrando o campo, ele vai conseguindo delimitar melhor seu foco de interesse, até chegar ao ponto chave de sua investigação que pode ser um contexto específico, um fenômeno, um grupo, um documento ou até mesmo um único indivíduo (BOGDAN; BIKLEN, 1991). Deve-se sempre sublinhar que o objetivo do pesquisador em um estudo de caso jamais será reduzir um contexto amplo em suas partes constituintes (FLICK, 2009; GIBBS, 2009; YIN, 2001).

A psicanálise é uma área do conhecimento que, tradicionalmente, trabalha bastante com estudos de caso, inclusive obras inteiras sobre a análise, por exemplo, de um único sujeito. Para ela, uma única narrativa pode revelar caminhos possíveis para forjar modelos de estudo e métodos, ao se apresentar como um caso paradigmático (MACEDO, 2015).

Ao tecer análises de seus casos clínicos, Freud frequentemente debruçou-se sobre histórias de um único paciente. No caso da busca pela compreensão da histeria e,

posteriormente, o esforço por arquitetar sua teoria sobre a sexualidade, ele propôs obras como voltadas, por exemplo, ao caso clínica de Anna O. ou o caso clínico de Dora (FREUD, 1893-1895/1996). Ele não queria com isso estudar Dora ou Anna, nem explicar como elas se comportam ou o que elas sentem. Não tinha também (longe disso) a intenção de prever ou descrever comportamentos e sintomas de outras mulheres com histeria; tampouco deduzir que todas as histéricas do mundo “funcionariam” como Anna ou Dora (MACEDO, 2015).

Diferentemente, a partir de casos clínicos, poderia ele mapear meandros de uma estrutura histórica, que, por sua vez, permitirá embasar seu estudo sobre a estrutura das neuroses e, em última instância, daria sustentação à pedra angular de sua tese psicanalítica, a arquitetura do inconsciente. Era dessa forma que Freud (1901-1905/1996), tendo conhecimento de uma vasta quantidade de tratamentos e com base em sua experiência clínica, selecionou alguns casos que se revelaram úteis como modelos paradigmáticos para sua tese (MACEDO, 2015, p. 56).

Com base nessa explicação defenderemos aqui o uso do estudo de caso de uma narrativa de experiência proferida por um estudante da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Municipal em uma cidade de pequeno porte do Recôncavo da Bahia.

## **2.1 Participantes e Cenário da Pesquisa**

Este estudo de caso traz, na verdade, dois participantes: um estudante da EJA e a própria pesquisadora do presente estudo. Para a Antropologia e para a Psicanálise, a implicação do pesquisador em seu objeto de estudo é mais do que uma questão estética de uso da primeira ou terceira pessoa (do plural ou singular) e ainda mais do que a construção literária de um estilo autobiográfico (MACEDO, 2015). Implicar-se e assenhorar-se de sua autoria revela o rigor metodológico do autor e garante que ele deixará claro de onde as análises serão perspectivadas, de que posição, de que perspectiva teórica e analítica e de que lugar de fala (MACEDO, 2015). Nesse sentido, peço licença para tomar a escrita em primeira pessoa quando eu mesma estiver falando sobre minha experiência profissional da Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente trabalho em uma escola localizada em uma cidade de pequeno porte no Recôncavo da Bahia, exercendo a função de assistente administrativo, 40 horas semanais, desde fevereiro de 2020. Trata-se de uma escola de grande porte, quando comparada com as demais do município, atende cerca de 1103 alunos sendo boa parte da zona rural, distribuídos nos turnos matutino e vespertino, atende ao público de 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Apesar de atuar no mesmo espaço físico, o Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos é uma escola com CNPJ e recursos independentes tendo cerca de 232 alunos, funcionando exclusivamente no período da noite, atende aos níveis I, II, III (que correspondem aos anos iniciais) e ao nível IV (que corresponde aos anos finais).

No entanto, a referida escola nem sempre foi gerida pelo município, passou pelo processo de municipalização no ano de 2019 deixando de ser estadual, fica bem no centro da cidade próxima a uma das praças que é referência. A sua estrutura física é de um prédio antigo, porém passou por uma grande reforma na qual foi mantido o projeto original, adequando-se às demandas da atualidade.

Atualmente conta com espaços adaptados para pessoas portadoras de necessidades especiais, melhoria como a incrementação de câmeras, melhoria no projeto referente à iluminação e ventilação, proporcionando mais conforto e segurança a quem usufrui do ambiente. A escola é composta por 14 salas de aula, uma sala para direção, sala de coordenação, sala de professores, sala de arquivo, secretaria, sanitários femininos e masculinos (incluindo para cadeirantes), refeitório, cozinha, pátio, auditório, quadras esportivas e áreas abertas. A equipe diretiva é formada por um diretor, duas vice-diretoras, três coordenadoras pedagógicas, uma secretária escolar e sete assistentes administrativos.

A respeito do aluno entrevistado, ele cursa os níveis I e II, reside na área urbana da mesma cidade onde se localiza a escola. Trata-se de um senhor de 69 anos, que teve como profissão primária pedreiro e, ao fim, aposentou-se como encarregado na cidade de São Paulo, retornando à cidade natal após a aposentadoria e retornou aos estudos, pois disse ter interesse em fazer um curso de informática. Assim, quando houve a necessidade da coleta de dados, uma vez traçada a metodologia a ser utilizada, se fez interessante tal candidato, devido a ser uma pessoa que se mostrava extremamente extrovertida, acessível e comunicativa, e principalmente sua história de vida, o que em tese propicia uma entrevista satisfatória.

## 2.2 Procedimentos

Foram utilizados procedimentos herdados da Antropologia e de seu método etnográfico (observações participantes e notas em diário de campo). Pois é o método utilizado na coleta dos dados que se baseia no contato e no convívio entre o objeto de pesquisa ou fonte de dados e pesquisador a partir do trabalho de campo. É nesse momento em que o pesquisador se insere no lugar em que o objeto a ser estudado vivencia as experiências a serem analisadas, portanto a coleta se dá por meio do contato intenso e prolongado, tornando o pesquisado mais íntimo para o pesquisador, e a partir desse “estretar de laços” surge a compreensão de como organiza um sistema de significados atrelado aos dados obtidos.

Nesse caso a inserção do pesquisador na escola do objeto de pesquisa promove a observação participante, que é uma ferramenta da etnografia, onde o pesquisador participa da vida e hábitos do objeto a ser estudado, portanto o modelo etnográfico não ocorre de forma que o pesquisador se encontra longe ou de fora do ambiente cujo objeto de pesquisa encontra-se inserido (ANGROSINO, 2009). Assim o modelo exige que o pesquisador esteja “perto”, no dia-a-dia do objeto a ser pesquisado. Portanto, minha inserção no meio ao qual o objeto de pesquisa encontra-se é inerente e orgânica, já que se trata do meu ambiente de trabalho, no qual trabalho desde 2020.

O que notamos é que a técnica de coleta de dados mais utilizada é a entrevista, o autor destaca como forma mais adequada quando o assunto é obter das informações direto da fonte. A familiarizada conversa “face a face” com o participante ou grupo de pessoas, possibilita uma maior interação, deixando o entrevistado à vontade e possibilitando com que as respostas emergem de forma fluida e orgânica (FLICK, 2009). No caso do presente estudo, embora tenhamos escolhido a entrevista semiestruturada, esse modelo foi pautado por perguntas abertas que dessem margem à criação de tantas outras quanto fossem necessárias, explorando ao máximo o objeto de estudo, assim permitindo que o entrevistado contasse sua história e explicasse como ele se relaciona com o fenômeno (FLICK, 2009).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista com o interlocutor desta pesquisa teve uma duração de 18 minutos e 20 segundos. Foi realizada às 19:00 horas, tendo como entrevistado um aluno do segmento EJAI, o qual se colocou à disposição a todo momento no ato de compartilhar suas experiências empíricas. Tal ação ocorreu na Escola em referência no método desta pesquisa, na sala dos professores do Centro Municipal de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, sendo gravada com a autorização do interlocutor e integralmente transcrita pela pesquisadora.

Por se tratar de um ambiente mais tranquilo e familiar ao entrevistado, entende-se que foi o local mais apropriado, conforme sugere Mandelbaum (2012). O mesmo autor defende ainda que é interessante que o entrevistado esteja no *locus* do objeto de pesquisa, pois isso acaba por propiciar a imersão de ambos (entrevistado e entrevistador) no ambiente da investigação, conseqüentemente promovendo uma maior compreensão dos dados resultantes da combinação de fenômenos que emanam do objeto estudado e assimilação dos fatos compartilhados na conversa “face a face”. Portanto, aspectos como fala e linguagem corporal são mais autênticos em ambientes em que os mesmos se sentem confortáveis, promovendo material fidedigno e com maior robustez, principalmente ao que compreende na análise dos dados e entendimento do universo a ser estudado.

No período da pandemia, algumas estratégias foram necessárias para promover a educação com o máximo de segurança para os alunos. Desse modo, implementou-se o uso de recursos tecnológicos e principalmente o uso de redes sociais para a promoção do saber no processo de educação remota. Sendo assim, no que tange ao processo de ensino no período em questão, solicitei que o entrevistado falasse um pouco sobre a experiência como estudante da EJAI no período pandêmico.

**Entrevistado:** “O remoto foi como te falei é não...nunca ter passado por isso, sempre a novidade existe, mas...e também não ter o conhecimento sobre a parte da tecnologia, que eu vou fazer setenta anos e a mais de...uns vinte anos pra cá que apareceu o celular, a tecnologia, eu não tinha conhecimento, nem tenho, tenho pouco mas eu achei interessante porque uma criança...a criança hoje em dia já nasce com o celular no berço já e graças a Deus está sendo bem desenvolvido essa parte. Mas pra mim foi difícil, e não só pra mim mas pra muitas

*peçoas que não teve acesso a tecnologia, ou pelo poder aquisitivo de não ter condições de pagar a internet, não poder ter o celular”.*

Já que ele considera o surgimento do uso de celular algo recente, comparado à sua idade, acredita-se que as dificuldades encontradas se dão pelo fato de ser algo novo, e que necessita de um amparo e de tempo para a adaptação. Braga et al. (2012) destacam que “há uma complexidade no desenvolvimento de recursos digitais e priorizam uma harmonia entre critérios pedagógicos e técnicos.” As aulas remotas e o uso de tal tecnologia e a inerente não aptidão no domínio do recurso tecnológico nos leva a crer, segundo a fala do nosso interlocutor, que tais fatores implicaram nas possíveis dificuldades expressas pelo aluno, em todo o processo e uso desses recursos. Mesmo demonstrando interesse nas aulas e vontade de aprender. Fator que tornou potencialmente mais agravado para aqueles que possuem pouco recurso financeiro (muitas deles sendo da zona rural) para obter um celular ou até mesmo pagar um provedor de internet e assim pudessem ter acesso às aulas.

Quando o assunto é educar, concordamos que se trata de um processo que depende de vários fatores, que passam desde ações culturais e socioeconômicas até métodos e metodologias implementadas em sala de aula, sendo assim foi perguntado para o entrevistado “Quais os desafios no ensino remoto?”.

***Entrevistado:** “É não entender as coisas né, (porque você) eu já tenho um pouco de conhecimento, pouco, minha graduação é pouca, mas uma se eu tô aqui pergunto a professora, ao professor e lá eu tenho quem? Se muito mal eu sei fazer uma pesquisa, tipo assim se tem uma aula escrita, se eu não souber pesquisar como é que eu vou saber responder? Então muitas coisas aconteceram comigo porque eu não sabia, às vezes com uma explicação eu poderia entender, mas não tinha quem explicar e não só eu, a maioria do pessoal, a criança também principalmente não tem...então a dificuldade foi essa a não entender e não ter a oportunidade de perguntar ou pesquisar, principalmente no meu caso.”*

Podemos notar na fala do aluno que o percurso de aprendizagem tornou-se “frustrante”, ocasionado pela escassez de orientação, já que não havia a presença física do professor em tempo real. Segundo Kenski (2012), as constantes mudanças em prol da



implementação das TIC's<sup>3</sup> ocasionam alterações no processo educativo, no entanto, o olhar pedagógico atento e frequente se faz necessário no delimitar das especificidades do ensino e da própria tecnologia garantindo assim eficiência e eficácia de tal implementação.

Diante disso, a fala do interlocutor deixa claro que o papel do professor tem destaque, pois a inviabilidade do acompanhamento próximo e diário do docente e até mesmo o próprio isolamento dificultaram o desenvolvimento da aprendizagem no modelo remoto. Fato é que a presença do professor, na fala dele, demonstra-se um facilitador quando o assunto é admissão do conhecimento, assim mesmo com a inserção da tecnologia, um olhar mais próximo faz a diferença.

O ensino remoto e a participação da tecnologia no EJAI, na região do Recôncavo da Bahia durante a pandemia, podem ser descritos como “um caminho solitário” no processo de aprendizado, sem alguém ao lado, sem uma presença no ato de explicar, ou até mesmo a falta de orientação. Esse cenário ocasionou um descontentamento no processo ou insatisfação no ato de aprender, pois para os estudantes (isso fica claro na entrevista do presente estudo de caso) a presença do professor se revela de extrema necessidade no processo. Na visão do entrevistado, esse acompanhamento promove o desenvolvimento de aprendizagem significativa e sólida.

Mediante os pontos destacados pelo entrevistado e a real expansão da tecnologia no cenário educacional fiz a seguinte indagação: “qual a é a relevância da tecnologia para a educação hoje? Acha que essa relevância mudou depois da pandemia?”

**Entrevistado:** *“Sim, avançou. Claro que avançou. E a tecnologia hoje é o essencial, hoje em dia você vê que a maioria tudo é o celular, você vai fazer uma pesquisa. Eu fui tentar fazer a pesquisa da EJA aqui também, mas eu não tenho o conhecimento total, mas li alguma coisa sobre avaliação do ensino da EJA aqui no município de A., não só em A., mas no Brasil todo, eu achei muito importante. O ensino presencial é outra coisa porque você tira dúvidas, você não sabe uma coisa, mas por causa de uma resposta da professora você completa o texto, a conta. Isso eu já conheço, agora tem muitos colegas na sala que estou que não tem o conhecimento.”*

---

<sup>3</sup> Entende-se que TICs são todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, rede e telemóveis.

No que tange ao processo de inclusão digital, notamos na fala do aluno o destaque que tal implementação tem nos tempos atuais, ora por viabilizar processos de pesquisas, ora por dinamizar processos de buscas de determinado assunto. No entanto, em sua fala é perceptível que sempre que o assunto é a tecnologia no processo educacional, para ele se faz necessária a presença mais assídua por parte de um mediador do conhecimento, para ele trata-se de um fator importantíssimo na promoção do conhecimento.

Segundo Hitzschky (2020), “O desenvolvimento de um RED<sup>4</sup>, portanto, deve pautar-se em objetivos pedagógicos, para que o RED não cumpra apenas uma função ilustrativa ou técnica”. Notoriamente a implementação da tecnologia voltada a esse público tende a potencializar o processo educacional quando bem utilizado, elevando assim a importância da discussão em relação à adesão de tais recursos como agregadores pedagógicos. Seja no ensino presencial ou remoto, a utilização dos recursos tecnológicos principalmente para os alunos da EJAI, quando bem explorado, pode se mostrar promissor, já que o próprio entrevistado ao longo da entrevista dá indícios desse benefício.

Seguindo nesta linha de raciocínio e visando deixá-lo mais livre para expressar suas experiências, dei a palavra perguntando se há alguma coisa a mais que gostaria de dizer nesta entrevista e que eu ainda não abordei?

**Entrevistado:** *“Eu quero falar sobre o ensino presencial, tanto é que as vezes fico aqui nessa sala e às vezes quando dá... porque essa aula aqui é até 21:30h e as outras é até 22:00h, 21:50h eu saía daqui e ia pra a aula do outro professor que é policial, da professora X, da professora que é minha vizinha também, aí assistia um pouco aprende mais, mas aqui na sala é como eu te falei teria que ter tipo assim mais tempo, porque o que eu falo é o seguinte o pessoal uma boa parte vem da zona rural, se eles tem um tempo a mais eles aproveitam um pouco mais e um pouco mais de rigidez com a turma que não quer, porque o que eu vi na sala de aula é que um chega não bate e entra... na outra sala lá mesmo a turma é uma bagunça chega, entra, senta na mesa...achei que tinha que ter mais um pouquinho tipo assim de ordem pra quem quer estudar, estudar; e quem não quer estudar não atrapalhar quem que estudar e tipo assim também não sei agora porque ta no final, mas você faz um texto ou uma aula, as vezes aquela aula fica pra segunda aula pra corrigir e tal, como a turma...como eu*

---

<sup>4</sup> **Plataforma integrada MEC:** Recursos Educacionais Digitais ou simplesmente RED, são arquivos ou mídias digitais que ficam disponíveis para uso com finalidades educacionais. Muitos desses RED's são também considerados Recursos Educacionais Abertos (ou REA), pois estão disponíveis para acesso gratuito a todos. Entretanto, nem todas as ferramentas disponibilizadas na internet são REA.

*analiso sei que eu to com mais conhecimento, mas sei que eles precisam de mais tempo, de mais acompanhamento, como vocês colocam aquelas pessoas que ensinam, que ficam ensinando pra poder ajudar um pouco porque as vezes a pessoa vem da roça ou então todo mundo trabalha, de noite é meio difícil...então o aproveitamento teria que ser um pouco melhor pra eles ganharem o tempo que perderam, entendeu?...que são pessoas mais idosas têm jovens também que precisam se desenvolver, tem rapazes aí de 20, 25 anos que às vezes não sabem nem soletrar ainda, então eu noto assim que o desenvolvimento tá bem abaixo do que é, agora cada um tem sua vida né...como o município ou estado já faz isso, tinha que tentar chegar mais junto, como diz o outro, pra melhorar um pouco a qualificação deles.”*

Como é sabido a EJAI tem seu formato de ensino voltado exclusivamente para jovens, adultos e idosos, constituído de histórias de vida diferentes; distorção idade-série, desistência de estudar no tempo "certo", ter que escolher entre estudar e trabalhar, entre outros são alguns motivos para essa formação do público da EJAI, sendo assim cada um tem seu motivo específico para estar ali. Algumas questões devem ser pensadas em relação a EJAI, como por exemplo os professores possuem formação e preparação para atender a esse público, o tempo é suficiente para que de fato ocorra aprendizagem e principalmente como esses alunos são preparados para serem inseridos nesse contexto.

Assim, no intuito de extrair do entrevistado como se deu seu processo de ensino junto a uma ferramenta até então incomum no âmbito escolar, no caso as redes sociais, foi sugerido que o aluno contasse um pouco sobre sua história na EJAI, quando começou a estudar, como foi todo esse processo: “Conta um pouco como foi sua experiência como estudante da EJAI no período de pandemia”.

***Entrevistado:*** “*Eu sou Fernando Matos de Oliveira, comecei aqui em março [2021] já no fim da pandemia... mais forte... ou... mais fraca que teve retorno às aulas e comecei é... um pouco na parte das aulas pra mim foi muito novo porque nunca passei por isso, mas alguma coisa eu entendia mas fica muito difícil pra gente que não tem principalmente da aula remota sem uma explicação, sem orientação...eu achei que deveria ter mais orientação porque é difícil, eu ainda tenho acesso a internet e quem não tem acesso a internet? Quantas crianças que não teve acesso a internet? não tem um celular também?...Então pra mim foi um pouco difícil porque nunca passei por isso, mas graças a Deus que passou e a gente teve o retorno das aulas e agora já estamos começando a aula presencial.”*

No fragmento extraído da entrevista, é destacada a relevância do papel do professor no processo de educar, assim, Bezerra (2013) destaca que “na EJA os alunos estão em situação de dificuldades e/ou fracasso escolar, em que alguns deles apresentam atitudes de nervosismo, vergonha, entre outros”. Notoriamente as dificuldades encontradas foram além do uso propriamente dito do celular. Para ele, o uso do celular como recurso pedagógico, como instrumento de ensino/aprendizagem, foi algo novo, porém o que se destaca é a falta da figura do professor como mediador no processo, as aulas remotas tornaram-se vagas e soltas e ainda mais difíceis por não ter a presença do professor orientador.

Neste momento, nota-se a importância da presença do provedor do conhecimento, como a presença física do professor faz diferença no ato de processar o conhecimento e conseqüentemente na formalização do que está a ser ensinado. Ações como a condução e acompanhamento das atividades, o desenrolar e desenvolvimento da aula, para o entrevistado implicam diretamente no ato da troca de saber, na experiência, mediante a relação promovida em sala de aula, ou seja, a interação física com o professor demonstra-se um fator preponderante no ato de desenvolver o conhecimento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo a máxima da linguagem, seja ela verbal ou não, Mattar (2008) destaca que a expressão tem sempre um amplo interesse como objeto de pesquisa, falas que cada falante/ouvinte irá se apropriar de forma singular. Assim, partindo desse pressuposto, ao ouvir o relato e apropriando-se do aporte teórico que compõe este trabalho, destaca-se a importância da vivência compartilhada, das experiências e dificuldades decorrentes do processo ao qual o aluno encontra-se inserido mediante ao uso da tecnologia no promover da educação, no que tange o papel das redes sociais e da tecnologia no processo em uma época atípica.

A análise dos trechos da entrevista e o processo análise tiveram como cerne a elucidação mediante a compreensão do transcrito, buscando-se em sua mais ampla e pura forma como se deu a relação tecnológica no desenvolvimento da aprendizagem,

principalmente para um público tão específico como a EJAI. Pontos como a falta de aptidão, seja pelo desconhecimento ou por pertencer a uma época "analógica", parecem ser fatores que influenciaram uma série de questões acerca do desenvolvimento da educação no novo momento, onde a educação exigia, com o amparo da tecnologia e redes sociais, uma maior dedicação e autonomia dos alunos.

Já que se fez necessário promover a educação sem colocar em risco a integridade dos alunos, sendo a alternativa viável o uso da tecnologia, principalmente as redes sociais, que na contemporaneidade conectam as pessoas de formas simultâneas e instantâneas. Apesar das dificuldades encontradas pelos discentes da EJAI, nota-se que o processo educacional continua tendo êxito. Ao longo do tempo a Educação de Jovens, adultos e idosos foi vista apenas como uma proposta ligada ao processo de alfabetização, porém, com os avanços passou a ter simbologia e força na educação brasileira.

Por consequência disso, a EJAI é uma modalidade que deve ser ajustada de maneira que ajude os alunos a terem autonomia e independência. Então, o fato de serem “jogados” nessa realidade sem um aporte prévio implicou em entraves antes desconhecidos e até então não pensados no processo de educar. Uma vez demonstrado uma ferramenta promissora, uma maior interação do uso da tecnologia e redes sociais no processo de educar, se mostra cada vez mais inerente tal implementação.

Uma vez que este trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema, mas sim levantar a discussão acerca dele, acreditamos que os pontos levantados possam auxiliar em outros trabalhos que venham a discutir sobre o impacto da tecnologia no processo de educação de jovens e adultos e também estimulará a reflexão sobre o uso dessas ferramentas e os procedimentos a serem assegurados a fim de explorar tal potencial.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Escuta Participante como Procedimento de Pesquisa do Sagrado Enunciante. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 441-446, 2005.

BEZERRA J.S **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a importância e a contribuição da afetividade na relação professor-aluno**, Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade Federal da Paraíba - Licenciado em Pedagogia, João Pessoa(2013)

BRAGA, J.; DOTTA, S.; PIMENTEL, E.; STRANSKY, B. Desafios para o desenvolvimento de objetos de aprendizagem reutilizáveis e de qualidade. Workshop de Desafios da Computação aplicada à Educação (Desafie), Paraná, 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Portugal, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CUNHA, C. et al ;**O Sistema Nacional de Educação: diversos olhares 80 anos após o Manifesto. Brasília, 2014**

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, 2002.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa Qualitativa**, São Paulo, Artmed Editora S.A.,2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HITZSCHKY, R.A; FILHO, J.A.C; FREIRE,R.S. Revista Novas Tecnologias na Educação V.18 Nº 2, RENOTE, dezembro, 2020.

GÜTTSCHOW, G. G. **Campanha Nacional De Erradicação Do Analfabetismo: Implementação Em Santa Catarina E O “Cobaia” Joinville (1958-1963)**. Orientador: Profª Dra. Nadia Gaiofatto Gonçalves. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná., CURITIBA, 2011.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Papirus Educação).

KLANOVICZ, J. Tecnologia De Força Bruta e História Da Tecnologia. **Revista Catarinense de História**, n. 27, p. 134-148, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2007.

LAPLANTINE, François. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANDELBAUM, B. Em busca de um encontro: o método hermenêutico na pesquisa em Psicologia Social. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, jun. 2012.

PEREIRA, D et al. **A Trajetória Histórica Da Eja No Brasil E Suas Perspectivas Na Atualidade.** SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5., 2016, Montes Claros. EVENTOS DO IFNMG, 2016, Montes Claros. Anais

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos.** São Paulo: Loyola, 1983.

ROTTA, Raquel Redondo. **Olhares que narram:** Perspectivas umbandistas de articulação do sentido. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: Edusp, 2006.

VERASZTO, E. V.; SILVA, N. A.; SIMON, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma** (Portugal), n. 8, p. 19-46, 2009.

## ANEXOS

### ANEXO 01 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Cidade da Entrevista:

Data da Entrevista:

Idade:

Aposentado? Sim/Não

Profissão:

Série/Etapa na EJAI:

1. Conta um pouco sobre sua história na EJAI, quando você começou a estudar, como foi todo esse processo.
2. Agora me conta um pouco como foi sua experiência como estudante da EJAI no período de pandemia.
3. Quais os desafios no ensino remoto?
4. Como você conseguiu lidar com esses desafios?
5. Quais recursos de tecnologia você tinha disponíveis? Você acha que eles contemplaram a sua necessidade e foram suficientes para que as aulas não deixassem a desejar?
6. [Esta pergunta só virá se essas questões não tiverem sido abordadas na resposta anterior]: Tem acesso à Internet e dispositivos de mídia, que propiciem a aula remota? Quais dispositivos?
7. Quais as principais diferenças entre o ensino remoto e presencial na sua visão?
8. Você prefere qual modalidade de ensino?
9. Conta para mim qual a relevância da tecnologia para a educação hoje? Acha que essa relevância mudou depois da pandemia?
10. Há alguma coisa a mais que você gostaria de dizer nesta entrevista e que eu ainda não abordei?



## ENTREVISTA TRANSCRITA

### Idade

#### EJA Noturno – cidade de pequeno porte no Recôncavo da Bahia

**Entrevistador:** Conta um pouco sobre sua história na EJAI, quando você começou a estudar, como foi todo esse processo. Conta um pouco como foi sua experiência como estudante da EJAI no período de pandemia.

**Entrevistado:** “Eu sou Fernando Matos de Oliveira, comecei aqui em março [2022] já no fim da pandemia... mais forte... ou... mais fraca que teve retorno as aulas e comecei é... um pouco na parte das aulas pra mim foi muito novo porque nunca passei por isso, mas alguma coisa eu entendia mas fica muito difícil pra gente que não tem principalmente da aula remota sem uma explicação, sem orientação...eu achei que deveria ter mais orientação porque é difícil, eu ainda tenho acesso a internet e quem não tem acesso a internet? Quantas crianças que não teve acesso a internet? não tem um celular também?...então pra mim foi um pouco difícil por que nunca passei por isso, mas graças a Deus que passou e a gente teve o retorno das aulas e agora já estamos começando a aula presencial.”

**Entrevistador:** Conta um pouco como foi sua experiência como estudante da EJAI no período de pandemia.

**Entrevistado:** “O remoto foi como te falei é não...nunca ter passado por isso, sempre a novidade existe, mas...e também não ter o conhecimento sobre a parte da tecnologia, que eu vou fazer setenta anos e a mais de...uns vinte anos pra cá que apareceu o celular, a tecnologia, eu não tinha conhecimento, nem tenho, tenho pouco mas eu achei interessante porque uma criança...a criança hoje em dia já nasce com o celular no berço já e graças a Deus esta sendo bem desenvolvido essa parte. Mas pra mim foi difícil, e não só pra mim mas pra muitas pessoas que não teve acesso a tecnologia, ou pelo poder aquisitivo de não ter condições de pagar a internet, não poder ter o celular muita criança passou por isso, principalmente o pessoal de zona rural, criança... criança da zona rural que deveria ser atingido em outros lugares, quer dizer a condição financeira de cada um, cada um, mas uma acho que o estado deveria, o município e estado tentar é...melhorar um pouco a situação principalmente da criança porque um adulto já se vira um pouco, o idoso é

propriamente passado, mas muitos como eu querem continuar de novo, eu quero recomeçar de novo, eu acho muito importante isso.”

**Entrevistador:** Quais os desafios no ensino remoto?

**Entrevistado:** “É não entender as coisas né, (*porque você*) eu já tenho um pouco de conhecimento, pouco, minha graduação é pouca, mas uma se eu tô aqui pergunto a professora, ao professor e lá eu tenho quem? Se muito mal eu sei fazer uma pesquisa, tipo assim se tem uma aula escrita, se eu não souber pesquisa como é que eu vou saber responder? Então muitas coisas aconteceram comigo porque eu não sabia, as vezes com uma explicação eu poderia entender, mas não tinha quem explicar e não só eu, a maioria do pessoal, a criança também principalmente não tem...então a dificuldade foi essa a não entender e não ter a oportunidade de perguntar ou pesquisar, principalmente no meu caso.”

**Entrevistador:** Quais recursos de tecnologia você tinha disponíveis? Você acha que eles contemplaram a sua necessidade e foram suficientes para que as aulas não deixassem a desejar?

**Entrevistado:** “Não, eu tenho internet em casa, tinha o celular e compartilhava com minha companheira lá, mas ela entende bem menos que eu, entendeu? Então ficou mais difícil pra mim ainda, se eu tenho alguém do mesmo grau a gente podia discutir mas ela tem menos grau que eu e menos conhecimento principalmente com da internet, com da parte da internet.”

**Entrevistador:** Quais as principais diferenças entre o ensino remoto e presencial na sua visão?

**Entrevistado:** “A diferença é enorme, é enorme. A presencial você chega lá, como a professora passa uma prova, muita coisa é prova, mas qualquer coisa ela pode te dar um toque tendeu, uma explicação simples e você pegar. Já a remota não, você vai perguntar pra quem? Não tem pra quem você perguntar...”

**Entrevistador:** Durante as aulas remotas só foram atividades nos grupos de WhatsApp, ou vocês tiveram aula online com o professor ou algo do tipo?

**Entrevistado:** “Não tinha. Tinha, tinha, tinha... tipo assim aquela aula escrita pra você responder, o que eu entendia respondia, o que não entendia não respondia.”

**Entrevistador:** Mas contato diretamente com o professor na aula remota, não tinha?

**Entrevistado:** “Não tinha, não existe, porque...sim a professora colocava a atividade...pelo menos no tempo que eu o fiz não tinha, porque se tivesse seria bom

também, seria ótimo, porque eu ia tirar uma dúvida, fazer uma pergunta, o professor podia de acordo a resposta, eu dar continuidade, não só eu como outras pessoas também né, outros adultos, outras crianças, tudo né. O acompanhamento que seria bem essencial, ter o professor online pra você fazer a pergunta e ele responder.”

**Entrevistador:** Você prefere qual modalidade de ensino?

**Entrevistado:** “Ao presencial, com certeza o presencial”

**Entrevistador:** Conta para mim qual a relevância da tecnologia para a educação hoje? Acha que essa relevância mudou depois da pandemia?

**Entrevistado:** “Sim, avançou. Claro que avançou. E a tecnologia hoje é o essencial, hoje em dia você ver que a maioria tudo é o celular, você vai fazer uma pesquisa. Eu fui tentar fazer a pesquisa da EJA aqui também, mas eu não tenho o conhecimento total, mas li alguma coisa sobre avaliação do ensino da EJA aqui no município de Amargosa, não só em Amargosa no Brasil todo, eu achei muito importante. O ensino presencial é outra coisa porque você tira dúvidas, você não sabe uma coisa, mas por causa de uma resposta da professora você completa o texto, a conta. Isso eu já conheço, agora tem muitos colegas na sala que estou que não tem o conhecimento.”

**Entrevistador:** Qual o nível que você está cursando?

**Entrevistado:** “O nível eu tô fazendo I e II, porque como te falei eu não tenho o histórico, porque eu estudei há mais de 40 anos e parei de estudar São Paulo (*aqui chama banca né*) lá a gente fazia estágio, tipo estágio isso eu peguei um pouco, mas a tecnologia não, porque eu não tinha tempo. Eu tinha 2 trabalhos (trabalhava no estado, tinha minha construção eu mesmo fazia sou pedreiro, tinha bar e vendia coisas na rua tinha loja de utensílios domésticos). Então eu não tive tempo de estudar.”

**Entrevistador:** O senhor achou viável o ensino via rede social? ou acha que teria uma forma melhor?

**Entrevistado:** “Não, seria bom a tecnologia pra quem já tem um início, um conhecimento mais ou menos e vai indo... claro que foi bom, só que teria que ter mais acompanhamento né...dos professores, das professoras principalmente para as crianças porque criança sabe como é que é, fica em casa não tem o que fazer... se tem uma aula, se tem um professor ou professora pra responder ou acompanhar seria muito bem melhor, principalmente pra mim também se eu tivesse um professor para me responder alguma coisa, eu tinha melhorando bem mais do que eu peguei, apesar que foi pouco tempo que eu peguei pouco tempo.”

**Entrevistador:** O senhor comentou que vai começar um curso de informática, esse desejo surgiu após fazer as aulas remotas ou o senhor já tinha essa vontade?

**Entrevistado:** “Não, já tinha, só que como eu trabalhava em São Paulo. Eu vim pra aqui, cheguei aqui em 2018 e aí comecei a mexer com minha casa...tipo assim morei com meu irmão uns 06 meses depois consegui minha casa e tal e fui analisando...como te falei sou pedreiro arrumei a casa da minha irmã lá na roça e lá também ajudei meu irmão reformar a casa da família lá na roça, tendeu? Fiz o serviço também lá na ilha no terreninho que eu comprei, então passei esse tempo...aí falei não, tenho que voltar a estudar porque eu não tive tempo de estudar, então já que agora que tô aposentado eu posso estudar. aí eu falei como eu to trocando o tempo da minha juventude,não pude estudar, não tive tempo de estudar só trabalhava na casa dos parentes, não tinha condição, então agora eu vou tentar estudar um pouco...além de passar o tempo também, não ficar com a mente parada e pra mim é desenvolvimento também...não vou deixar de fazer meus trabalhos que eu tenho que fazer, apesar de bem mais leve por causa do DNA, a data de nascimento antiga então isso o corpo... já operei a coluna duas vezes né então trabalho é meio complicado, mas eu vou continuar pretendo continuar.”

**Entrevistador:** Então o senhor estudou lá em São paulo se tivesse conseguido o histórico aqui não estaria no nível I e II?

**Entrevistado:** "Justamente estaria mais à frente, tanto é que falei com o diretor e com a professora pra ver se teria, porque deveria dar oportunidade não só a mim mas a outras pessoas que pode tá no estado, nessa condição que dizer eu tô aqui, recordando como diz o outro, é perca de tempo pra mim eu não quero não vou precisar correr também, mas também ficar ouvindo as perguntas que eu sei a resposta e vendo que tem pessoas que tem muito mais dificuldade que eu pra mim já é tipo um sofrimento, entendeu? porque...no meu tempo estudava de joelhos às vezes em cima do caroço de milho e apanhando ainda porque naquele tempo a ignorância era muito, eu aprendia aqui na casa da minha tia na rua 15 entendeu? e era daquele tipo a maneira, a ignorância e os pais também na roça, porque eu morava na zona rural, estudar era uma vez ou outra na semana e andar 1 légua, 2 légua, 3 légua pra chegar na escola de pé, então isso ...tanto é que tenho trauma até hoje, as vezes vou escrever,eu leio de um jeito e escrevo outro, depois que eu vou reler pra poder corrigir, entendeu?...eu sei que crianças, muitas pessoas pelo menos na minha idade, com 40,50 anos podem ter o mesmo problema ou não, depende do

desenvolvimento e o meu desenvolvimento nessa parte, eu quero retornar agora pra poder melhorar um pouco o conhecimento...eu vou querer mais o que dá vida agora? conhecimento porque o conhecimento é a coisa melhor do mundo.”

**Entrevistador:** O senhor utiliza computador ou só o celular?

**Entrevistado:** “Não, eu tenho o celular e meu filho me deu de presente um notebook, tanto é que vou o um curso agora e já falei na escola que vou levar o notebook pra começar catar os dedos lá, bater os dedos como diz o outro pra poder aprender um pouco e melhorar um pouco. Porque daqui pra frente o que eu vou fazer? se eu não aguento mais trabalhar, meu trabalho é pesado, agora eu vou só vou administrar no caso um servicinho aqui outro ali pra passar o tempo, e um computador em casa você tendo o conhecimento você passa o tempo, vai passando o tempo e você vai aprendendo cada vez mais e aprender nunca é ruim, é sempre bom, o conhecimento é tudo na vida né.”

**Entrevistador:** Há alguma coisa a mais que você gostaria de dizer nesta entrevista e que eu ainda não abordei?

**Entrevistado:** “ Eu quero falar sobre o ensino presencial, tanto é que as vezes fico aqui nessa sala e às vezes quando dá... porque essa aula aqui é até 21:30h e as outras é até 22:00h, 21:50h eu saía daqui e ia pra a aula do outro professor que é policial, da professora Beinha, da professora que é minha vizinha também, aí assistia um pouco aprende mais, mas aqui na sala é como eu te falei teria que ter tipo assim mais tempo, porque o que eu falo é o seguinte o pessoal uma boa parte vem da zona rural, se eles tem um tempo a mais eles aproveitam um pouco mais e um pouco mais de rigidez com a turma que não quer, porque o que eu vi na sala de aula é que um chega não bate e entra... na outra sala lá mesmo a turma é uma bagunça chega, entra, senta na mesa...achei que tinha que ter mais um pouquinho tipo assim de ordem pra quem quer estudar, estudar; e quem não quer estudar não atrapalhar quem que estudar e tipo assim também não sei agora porque ta no final, mas você faz um texto ou uma aula, as vezes aquela aula fica pra segunda aula pra corrigir e tal, como a turma...como eu analiso sei que eu to com mais conhecimento, mas sei que eles precisam de mais tempo, de mais acompanhamento, como vocês colocam aquelas pessoas que ensinam, que ficam ensinando pra poder ajudar um pouco porque as vezes a pessoa vem da roça ou então todo mundo trabalha, de noite é meio difícil...então o aproveitamento teria que ser um pouco melhor pra eles ganharem

o tempo que perderam, entendeu?...que são pessoas mais idosas têm jovens também que precisam se desenvolver, tem rapazes aí de 20, 25 anos que às vezes não sabem nem soletrar ainda, então eu noto assim que o desenvolvimento tá bem abaixo do que é, agora cada um tem sua vida né...como o município ou estado já faz isso, tinha que tentar chegar mais junto, como diz o outro, pra melhorar um pouco a qualificação deles.”